

O oscarizado Cillian Murphy mobiliza a Berlinale 2025

PÁGINA 4



A dança das favelas chega ao Municipal

PÁGINA 7



Obra de Plínio Marcos ressurgiu em 'Xadrez III'

PÁGINA 8



2º CADERNO

Wiliam Aguiar/Divulgação

Por Affonso Nunes

Bibi Ferreira (1922–2019) foi uma das mais importantes artistas do Brasil, brilhando como atriz, cantora, diretora e produtora ao longo de oito décadas de carreira. Filha do lendário ator Procópio Ferreira, estreou nos palcos ainda criança e construiu uma trajetória marcada por talento, versatilidade e sofisticação. Dona de uma voz inconfundível e presença magnética, Bibi brilhou em musicais e interpretações memoráveis, dando vida a figuras icônicas como Edith Piaf e Amália Rodrigues. Como cantora, seu repertório passeava com maestria pela MPB, pelo fado e pela canção francesa.

Respeitada no Brasil e no exterior, recebeu inúmeros prêmios e homenagens. Para celebrar essa trajetória singular, a quinta edição do projeto “Celebrando Bibi” estreia nesta quinta-feira (13), data que marca seis anos de sua partida.

Idealizado pelo produtor Nilson Raman, que foi empresário da atriz por 28 anos, o projeto reúne um valioso acervo de espetáculos, fotos, vídeos, entrevistas e bastidores. O material estará disponível gratuitamente no Instagram e TikTok do projeto, além do canal Raman Entretenimentos no YouTube.

Entre 13 e 28 de fevereiro – período que coincide com o aniversário da estreia profissional de Bibi nos palcos, em 1941, ao lado do pai – novos conteúdos serão publicados diariamente. A celebração se estenderá até 8 de março, Dia Internacional da Mulher, homenageando não apenas Bibi, mas todas as mulheres que ela representou com maestria, na vida e na arte.

“Para esta edição, disponibilizaremos um acervo rico, reunido a partir dos meus arquivos pessoais, de materiais encontrados na internet e de colaborações de amigos



Grande dama do nosso teatro, Bibi Ferreira brilhou nos palcos do Brasil e do mundo como atriz e também como cantora com sua voz inconfundível e um timbre personalíssimo

Bibi, teu nome é saudade

Valioso acervo de espetáculos encenados pela atriz e cantora, um das artistas mais completas do Brasil, será exibido este mês no YouTube como parte do projeto Celebrando Bibi

e parceiros”, explica Raman. Entre os destaques estão espetáculos na íntegra, como “Bibi Canta e Conta Piaf”, “De Pixinguinha a Noel, passando por Gardel”, “Bibi Canta

Sinatra” e “Brasileiro, Profissão Esperança”, além de registros inéditos dos bastidores de Bibi em Nova York, em 2013.

A programação inclui ainda uma expo-

sição de fotos inéditas de Wiliam Aguiar, fotógrafo oficial da atriz por quase duas décadas, e a fotobiografia “Uma Vida no Palco”, o mais completo registro de sua trajetória.

CORREIO CULTURAL

Adrian Tejido/Divulgação

**'Ainda Estou Aqui' concorre a melhor filme**

Oscar define representantes de 'Ainda Estou Aqui' na cerimônia

A Academia de Artes e Ciências Cinematográficas anunciou os representantes de oito filmes indicados nas categorias principais do Oscar deste ano, incluindo "Ainda Estou Aqui". O longa de Walter Salles foi um dos concorrentes ao prêmio de melhor filme que ficaram por definir os seus produtores indicados à estatueta.

Virou fã

"Eu nunca (mais, mais) vou me recuperar da Fernanda fazendo o 'toss toss'", escreveu a cantora Ariana Grande em seu perfil no Instagram, fazendo referência ao gesto viral que a brasileira fez de sua personagem de "Wicked", Glinda.

Virou fã III

Depois de Demi Moore mandar mensagens para Fernanda Torres, agora é a atriz Jessica Chastain a querer se tornar amiga da brasileira. As duas artistas se conheceram ao participarem de uma reportagem produzida pela revista Interview.

No caso do brasileiro, os produtores Maria Carlota Bruno e Rodrigo Teixeira são os indicados à categoria principal deste ano. Caso a produção vença o prêmio, a dupla é quem receberá o Oscar da Academia durante a cerimônia que será realizada no próximo dia 2 de março no Dolby Theater, em Los Angeles (EUA).

Virou fã II

O encontro da estadunidense e da brasileira no Festival de Santa Monica viralizou nas redess. "Foi uma honra estar na companhia de tantos artistas dos quais sou admiradora", continuou Ariana, indicada ao Oscar na categoria de atriz coadjuvante.

Virou fã IV

Chastain elogiou a atuação contida de Fernanda, mesmo em meio a uma história trágica, e disse querer que elas conversassem em particular. "Quero ser sua amiga. Sua performance é inacreditável, e estou muito feliz que você foi indicada ao Oscar".

Uma mochila cheia de supresas

O inventivo trio Mocofaia lança seu excelente álbum de estreia com apresentação nesta quarta no palco intimista do Manouche

João Atala/Divulgação



Os músicos do Mocofaia conectam a tradição rítmica e espiritual da nação Jêje com grooves eletrônicos

Por Affonso Nunes

Formado por Luizinho do Jêje, Marcelo Galter e Sylvio Fraga, o trio Mocofaia lança seu primeiro álbum, homônimo, com um show no Manouche nesta quarta-feira (12). "Moco-

faia é como uma mochila cheia de supresas: sapato, computador, escova de dente, chave de fenda, tudo junto e misturado", define Fraga, traduzindo com bom humor a fusão de estilos e personalidades que marca o trio.

A proposta reúne dois músicos baianos de trajetória inventi-

va – Luizinho do Jêje, percussionista e líder do Aguidavi do Jêje, e Marcelo Galter, pianista, compositor e produtor musical – ao lado do carioca Sylvio Fraga, compositor, poeta e diretor artístico da gravadora Rocinante.

Diferente de outros projetos, o Mocofaia privilegia a criação coletiva em todas as etapas, dos arranjos às letras. Este trabalho de excelência mergulha em camadas do groove, explorando timbres variados de percussão, teclados, sintetizadores e violão, criando uma experiência sonora envolvente, com originalidade e profundidade melódica.

"Nossas composições nascem de todos nós, têm um pé na raiz e um tom muito próprio", explica Luizinho do Jêje. Essa essência se reflete na construção conjunta de cada faixa, onde as influências individuais se harmonizam em uma sonoridade vibrante e singular. O álbum de estreia, lançado pela Rocinante, equilibra tradição e modernidade.

O repertório do show inclui faixas como "Galo no Muro", "História do Quintal", "Mar de Pipoca" e "Ogum Mariô", compostas quando Jêje e Galter se hospedaram na casa de Fraga, no Rio. Outra faixa de destaque do trabalho é "Mestre Besouro Mangangá", que surge como uma "suíte" inspirada nos múltiplos significados da palavra "manga". Já "Vim pra Bahia" – lançada previamente como single – nasce da percussão de Luizinho, evocando as tradições da nação Jêje em diálogo com a clave híbrida do violão de Fraga e os teclados de Galter.

A nação Jêje é uma vertente do candomblé de origem africana, ligada aos povos Ewe-Fon, do Benim e Togo. Focada no culto aos Voduns, suas práticas incluem cânticos em língua ewe-fon e o uso de instrumentos percussivos como o atabaque. Presente principalmente na Bahia, a tradição Jêje se distingue por sua forte base rítmica e espiritualidade. No contexto musical do Mocofaia, ela influencia a percussão e o groove das composições.

A eterna batida carioca

Cláudio Lins revive sucessos da Bossa Nova que têm o Rio de Janeiro como fonte de inspiração



Divulgação

Seguindo a tradição das quartas de Bossa Nova no Blue Note Rio, o Blue Bossa Band convida Cláudio Lins para o show “Batida Carioca”, uma residência que acontece durante o mês de fevereiro. Acompanhado

pela banda da casa, formada por Heberth Souza (piano) Daniel Stain (violão/guitarra), o repertório presta homenagem a uma das maiores musas da Bossa Nova: o Rio de Janeiro.

É um setlist repleto de compositores ca-

riocas – de nascença ou de coração. Da emblemática dupla Tom e Vinícius, a canção flui através de Carlos Lyra, Roberto Menescal, Ronaldo Bôscoli e Marcos Valle, todos immortalizando, em versos e melodias solares, as belezas da cidade maravilhosa. Clássi-

cos como “Corcovado”, “Samba do Avião”, “Rio”, “Samba de Verão” e “Samba da Carioca” batem ponto obrigatório no show.

Entretanto, a batida criada pelo baiano João Gilberto transcende gerações. A cidade do Rio também foi cantada por nomes pré-bossanovistas como Noel Rosa, Dorival Caymmi e Tito Madi, com canções como “Cidade Mulher”, “Sábado em Copacabana” e “Balanço Zona Sul”. Além disso, influenciou artistas das gerações seguintes, como Ivan Lins, Caetano Veloso, Luiz Melodia, Cazuza e Marina Lima, que também trouxeram suas contribuições ao repertório.

Tudo isso é apresentado com a batida suave, o suingue carioca e a voz intimista, especialidade de Cláudio Lins. O cantor, ator e compositor, que entre 2017 e 2018 integrou o elenco do espetáculo “O Musical da Bossa Nova”, refina a técnica de cantar como quem fala ao pé do ouvido, entregando uma experiência única e envolvente ao público.

SERVIÇO

CLÁUDIO LINS - BATIDA CARIOCA
Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana)

12/2, às 20h

Ingressos a partir de R\$ 45

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Buscando Romeu

Anitta lança “Romeo”, seu primeiro single de 2025, marcando o início de sua nova fase musical. A faixa em espanhol traz uma batida pensada para pistas de dança. Na letra, a cantora se decalara a seu Romeu e avisa “hoje você vai ser meu. Eu não disse talvez”. A faixa chega acompanhada de clipe com toques cinematográficos. Além de lançar nova música, Anitta anunciou recentemente seu próximo documentário da Netflix, “Larissa: The Other Side of Anitta”, que apresenta uma visão interna de sua jornada pessoal de autodescoberta.

Divulgação



Divulgação

O faroeste de Suiky

Inspirado nos filmes de faroeste que assistia quando criança, Suiky lança “Bandido do Texas”, canção que revela uma nova faceta musical do cantor e compositor baiano, considerado a nova voz do trap. Lançada pelo selo 999, de Baco Exu do Blues, o single chegou às plataformas digitais acompanhada de um videoclipe em seu YouTube. Sua letra aborda o estilo e a autoconfiança masculina, dando destaque também à cultura dos guetos. Com influências de R&B e trap, “Bandido do Texas” faz analogia aos tempos de faroeste, onde inimigos são alvos em um cenário de confronto.



Divulgação

Sem autodeleite

Elton John acaba de anunciar o lançamento de seu álbum colaborativo com Brandi Carlile. Enquanto o trabalho não chega ao mercado, seus fãs podem conferir o primeiro single, “Who Believes In Angels?”, já disponível nas plataformas digitais de áudio e vídeo. Recentemente, o astro surpreendeu os fãs ao revelar, em entrevista a um programa de rádio estadunidense, não ter o hábito de ouvir suas músicas. “Nunca assisto nada sobre mim porque simplesmente não gosto de me ver com muita frequência. Não sou do tipo que se deleita com o próprio sucesso”, explicou.



Berlinale joga holofotes sobre Cillian Murphy

Atração de abertura do evento em 2024, 'Pequenas Coisas Como Estas', sobre delitos da fé, estreia no Brasil sob o impacto da nova edição do festival, onde o astro irlandês gerou agito

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Pelos protocolos habituais da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, em sua cerimônia deste ano, agendada para 2 de março, Cillian Murphy vai subir ao palco do Dolby Theatre para anunciar o ganhador do Oscar de Melhor Ator, honraria que levou em 2024 por "Oppenheimer". Cumprirá essa função num páreo disputado por Timothée Chalamet (por "Um Completo Desconhecido"); Adrien Brody ("O Brutalista"); Colman Domingo ("Sing Sing"); Ralph Fiennes ("Conclave"); e Sebastian Stan ("O Aprendiz") ao mesmo tempo em que lança um longa-metragem polêmico. "Pequenas Coisas Como Estas" ("Small Things Like These") está em ciclo de lançamento internacional e chega ao Brasil no dia 13 de março, 13 meses depois de sua primeira projeção



Enda Bowe/Lionsgate

Cillian Murphy vive um carvoeiro envolto com delitos da Igreja Católica em 'Pequenas Coisas Como Estas', longa polêmico com a grife do diretor Tim Mielants

mundial, na abertura da última Berlinale, na Alemanha.

Nesta quinta, uma nova edição do evento começa em Berlim, com o cinema brasileiro na disputa pelo Urso de Ouro, representado por "O Último Azul", de Gabriel Mascaro. A chegada do festival amplia a visibilidade do trabalho de Cillian, exibido com sucesso na Mostra de São Paulo, em outubro.

Enquanto "Pequenas Coisas Como Estas" estabelecia seu prestígio em solo berlinense, o ator irlandês filmou a sequência do cult "Extermínio" (2002), chamada "28 Years Later", e um filme ligado à série "Peaky Blinders", batizado provisoriamente como "The Immortal Man". Rodou ainda uma comédia dra-

mática chamada "Steve", sobre o cotidiano escolar da região onde nasceu (Cork, na Irlanda). Em meio a todos esses compromissos, não ignorou a relevância do drama ambientado nos anos 1980 que levou a Berlinale a uma catarse. A produção saiu da maratona germânica com o Urso de Prata de Melhor Coadjuvante, dado à atriz Emily Watson.

Na capital alemã, durante a projeção de "Pequenas Coisas Como Estas", na disputa pelo Urso dourado, tinha gente carregando cartazes dele para os cinemas da Berlinale, em busca de um autógrafa. Apesar de sua narrativa intimista e de temas áspers (aborto, violência clerical, pobreza), o longa, dirigido por Tim Mielants, adquiriu um sta-

tus de espetáculo como rescaldo do sucesso de Cillian em "Oppenheimer".

"Quería muito trabalhar com Tim de novo, depois do que fizemos no set de 'Peaky Blinders', e saímos em busca de um projeto que nos tocasse até que minha mulher me sugeriu a literatura de Claire Keegan", disse Murphy, ovacionado na Berlinale.

O best-seller homônimo de Claire serviu como base para "Pequenas Coisas Como Estas", que foi produzido pelos atores Matt Damon, Ben Affleck e pelo próprio Cillian, que protagoniza o filme no papel de Bill Furlong, chefe de um entreposto de carvão. Às vésperas do Natal de 1985, o carvoeiro se dá conta de segredos de sua comunidade, en-

volvendo uma atitude dominadora da Igreja envolvendo adolescentes grávidas. É uma alusão ao caso conhecido como As Irmãs Madalena, no qual jovens eram escondidas em conventos, por freiras, e tinha seus bebês confiscados. Emily Watson é a (assustadora) religiosa que entra em choque com Furlong.

"A arte pode ser um alívio para as feridas", disse Murphy.

Parceiro de Cillian em "Oppenheimer", Damon passou por Berlim para assegurar uma acolhida mais serena a um longa polêmico. "Com esse time de artistas envolvidos, meu trabalho era apenas facilitar o ambiente para todos", disse Damon, em Berlim.

Além de "O Último Azul", 18 longas dos mais variados cantos do mundo entram com concurso na Berlinale a partir de quinta, quando a programação será inaugurada pela sessão hors-concours de "Das Licht" ("The Light"), de Tom Tykwer. O divo estadunidense dos filmes indie Todd Haynes (realizador de "Carol" e "Segredos de um Escândalo") vai presidir o júri. Ele vai avaliar os títulos em competição ao lado de três cineastas (a alemã Maria Schrader, que também é atriz; o marroquino Nabil Ayouch; e o argentino Rodrigo Moreno); da figurinista Bina Daigeler, egressa de Munique; da crítica de cinema Amy Nicholson, do "Los Angeles Times"; e da estrela chinesa Fan Bingbing. As atrações seguem na Berlinale Palast até o dia 23.

da Redação

A corrida pelo Oscar começou a se definir com mais clareza no último fim de semana, à medida que os prêmios do DGA (Sindicato dos Diretores) e do PGA (Sindicato dos Produtores) sinalizam favoritos. “Anora”, de Sean Baker, desponta como principal candidato ao prêmio máximo da Academia: Melhor Filme.

Em meio à maratona de premiações nos Estados Unidos e ao redor do mundo, essas honrarias funcionam como termômetros do Oscar, pois muitos de seus votantes também integram a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas. O PGA, por exemplo, premiou 26 dos últimos 36 vencedores de melhor filme no Oscar. Nesta edição, oito dos dez indicados do sindicato também disputam a estatueta dourada, incluindo “Emilia Pérez”, “O Brutalista”, “Conclave”, “Um Completo Desconhecido”, “A Substância” e “Wicked”.

O longa de Sean Baker vem acumulando prestígio ao oferecer uma história envolvente, com um olhar sensível e honesto sobre pessoas à margem do chamado sonho americano. Some-se a isso o desempenho de Mikey Madison (um das indicadas ao Oscar de Melhor Atriz) no papel-título, uma garota de programa que realiza seu sonho de Cinderela ao se casar com playboy milionário russo, mas vê tudo desmoronar.

O brasileiro “Ainda Estou Aqui” ficou de fora da disputa do PGA, mas isso não compromete suas chances no Oscar. Produções como “Parasita”, “Moonlight” e “Spotlight” conquistaram a Academia sem vencer o prêmio dos produtores. Já o DGA, concedido desde 1948, tem um histórico de acertos ainda mais preciso, errando o vencedor do Oscar de direção apenas oito vezes. Neste ano, Sean Baker superou concorrentes como Jacques Audiard (“Emilia Pérez”), Edward Berger (“Conclave”), Brady Corbet (“O Brutalista”) e James Mangold (“Um Completo Desconhecido”).

O descompasso entre sindicatos e Oscar ocorre porque, enquanto os primeiros restringem a votação a suas respectivas categorias, os mais de 10 mil membros da Academia escolhem os vencedores de todas as estatuetas. Assim, concorrentes fortes da temporada, como “O Brutalista”, ainda têm boas chances, apesar da controvérsia sobre o uso de inteligência artificial para modificar sotaques no filme estrelado por Adrien Brody.

Outra produção impactada por polêmicas foi “Emilia Pérez”. Antes visto como um dos favoritos, o longa perdeu força e vive um autêntico inferno astral após a atriz Karla



Divulgação

Desde a conquista da Palma de Ouro no Festival de Cannes, ‘Anora’ foi crescendo no boca a boca e se favorece com a crise envolvendo ‘Emilia Pérez’. Títulos como ‘Conclave’, ‘O Brutalista’ e ‘Ainda Estou Aqui’ correm por fora na disputa do prêmio máximo

‘Anora’ é mesmo o favorito a melhor filme?

Premiação do longa de Sean Baker aumenta suas chances a disputa, mas o brasileiro ‘Ainda Estou Aqui’ pode repetir desempenho de filmes como ‘Parasita’, ‘Moonlight’ e ‘Spotlight’ na hora H

Sofia Gascón (a primeira atriz trans a ser indicado á estatueta de Melhor Atriz) ter postagens preconceituosas expostas pela imprensa. Diante da repercussão negativa, a Netflix afastou a espanhola da campanha e concentra seus esforços na candidatura de Zoe Saldaña a Melhor Atriz Coadjuvante.

A disputa por melhor filme internacional ganhou novo fôlego para “Ainda Estou Aqui”, impulsionado pela fragilidade de “Emilia Pérez”. Na categoria de melhor atriz, Demi Moore, de “A Substância”, desponta como principal rival de Fernanda Torres. A veterana estrela tem conquistado prêmios

importantes e emocionado plateias ao relembrar sua trajetória em Hollywood.

Nos próximos dias, prêmios como o SAG (Sindicato dos Atores, em 23 de fevereiro) e o WGA (Sindicato dos Roteiristas, em 15 de fevereiro) podem reforçar tendências para o Oscar. Já o Bafta, que será entregue neste (domingo), pode consolidar “Ainda Estou Aqui” como um dos destaques do cinema internacional nesta temporada.

Começa a votação

A partir desta terça-feira (11), a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas inicia a votação final para a edição deste ano do Oscar. A votação começa às 14h (horário de Brasília) e ficará aberta até às 22h de 18 de fevereiro, sendo realizada no site oficial da Academia. Durante esta fase, todos os membros da Academia podem votar em qualquer categoria, ao contrário da fase de indicações, quando apenas representantes de cada setor da indústria escolhem os indicados em suas áreas.

Com exceção da categoria de Melhor Filme, as demais são decididas por um sistema simples, no qual o indicado com mais votos vence. Já o prêmio de Melhor Filme segue um sistema preferencial: os membros classificam os dez indicados por ordem de preferência, e a produção que alcançar 50% dos votos é declarada vencedora. Se isso não ocorrer, o filme com menos votos na primeira posição é eliminado, e seus votos são redistribuídos conforme a segunda escolha dos votantes. O processo continua até que um filme atinja a maioria.

A cerimônia do Oscar ocorrerá no dia 2 de março, no Dolby Theater, em Los Angeles.

Só a força do Hulk pode salvar Indiana Jones

Divulgação

Escalção de Harrison Ford para viver o General Ross da Marvel joga holofotes na aventura mais recente do arqueólogo mais pop do cinema, um fracasso nas telonas hoje na Disney+

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Empenhada em prova que filme de super-herói ainda é a maior diversão (e uma fonte de altas receitas), contrariando fracassos recentes (seus e da DC), a Marvel assegurou um fator de prestígio para o esperado “Capitão América: Admirável Mundo Novo”, que estreia nesta quinta-feira: Harrison Ford. Aos 82 anos, o eterno Han Solo interpreta o irascível general Thaddeus “Thunderbolt” Ross, papel antes confiado a William Hurt, que morreu em 2022. Ao lidar com o atual Sentinela da Liberdade, antes conhecido como Falcão (papel de Anthony Mackie), Ross faz uso de uma variação dos Raios Gama, a energia que transformava Bruce Banner (Mark Ruffalo) no Hulk, para virar uma criatura tão poderosa quanto ele, só que... vermelho.

A Panini Comics acaba de lançar nas bancas uma antologias de HQs do personagem, que pode renovar as núpcias de popularidade de Ford com a cinefilia contemporânea e trazer prestígio para um fracasso de sua carreira que ninguém engole. Há quase dois anos, Hollywood se pergunta o que deu errado com “Indiana Jones e a Relíquia do Destino”, que custou cerca de US\$ 290 milhões e faturou US\$ 383,9 milhões mundo afora, o que não zera (nem de longe) as contas. Hoje no streaming Disney+, a aventura

do arqueólogo mais famoso da cultura pop tem uma sobrevida à vista.

Além dos holofotes assegurados por “Capitão América: Admirável Mundo Novo”, “A Relíquia do Destino” pode se beneficiar do fato de que seu realizador, James Mangold, está no páreo pelo Oscar 2025, na categoria Melhor Direção, com “Um Completo Desconhecido”. A cinebiografia do jovem Bob Dylan, ambientada de 1961 a 1965, com Timothée Chalamet, será exibida pela Berlinale nesta sexta-feira, em sessão fora de concurso (sem conexão com a disputa pelo Urso de Ouro), com a presença do cineasta.

Foi tarefa dele assumir o comando da franquia Indiana Jones substituindo o Midas Steven Spielberg. Teve até sessão de gala do Festival de Cannes no esforço de promover o filme (filmaço, aliás), mas não colheu os frutos que esperava.

Na aritmética de Hollywood, o lucro só vem quando um filme contabiliza três vezes aquilo que custou. Bateu essa meta, lucra. Da década de 1970 para cá, Ford fez muito estúdio lucrar, da Fox, com “Star Wars” (1977-1983), às engrenagens da Warner Bros., via “O Fugitivo” (1993). Porém o mundo e os números hoje são outros... Apesar deles, existe o streaming, onde muito flop do circuito vira fenômeno de acesso. Na plataforma digital de Mickey Mouse, o Dr. Jones teve espaço para brilhar. Pode brilhar mais ainda agora, quando o



O Hulk Vermelho é a versão mais letal do General Ross nas tramas da Marvel

Disney+/Divulgação



De regresso aos cinemas como Hulk Vermelho, Harrison Ford levou Indiana Jones a Cannes em 2023

Hulk Vermelho pode engatar um vínculo entre ele e as novíssimas gerações.

Amamos odiar o longa anterior, “O Reino da Caveira de Cristal” (2008), o episódio quatro da franquia “Indiana Jones”. Apesar de Spielberg ser o seu realizador, esse quarto tomo jamais agradou, pelo fato de não reproduzir o ethos taquicárdico (e romântico) da tri-

logia inicial, acrescentando um personagem desnecessário (e mal defendido) à mitologia do herói – um filho vivido pelo encenqueiro Shia LaBeouf. Quebrava, portanto, com o apelo modernista da série, de mimetizar o passado e reinventá-lo. Não houve essa reinvenção, e ela é essencial. Na década de 1980, quando “Os Caçadores da Arca Perdida” estreou, em 1981, Spielberg e George Lucas fizeram um exercício proustiano e resgataram o espírito heroico dos seriados dos anos 1930 e 1940 das matinês. Resgataram elementos de “Jim das Selvas” e de “Hopalong Cassidy”. Fundiram essas filigranas ao arquétipo de 007, acrescentaram dados de História e Arqueologia, e edificaram a figura de Indiana, originalmente pensado para Tom Selleck (o Magnum da TV). Esse mesmo toque de Proust se viu em “No Templo da Perdição” (1984) e no magistral “A Última Cruzada” (1989), que ainda trouxe Sean Connery (1930-2020) para viver o pai de Indy – numa catarse da relevância que James Bond teve na construção do personagem.

Diante desse histórico (de três filmes magistrais e um quarto

longa um tanto decepcionante), Mangold (de “Ford vs. Ferrari”) assumiu o fardo de dirigir uma quinta aventura de Indiana Jones com a incumbência de dar a ela o chame das legacy sequels, termo usado para continuações tardias, como “Top Gun: Maverick” (2022).

Vertiginosa do tenso começo ao encantador fim, calcando-se em efeitos digitais gráficos pra rejuvenescer Ford nas sequências iniciais, “Indiana Jones e a Relíquia do Destino” retoma o tom de matinê supracitado, recobrando o ritmo que havia em “A Última Cruzada”, o apogeu da franquia. Os vilões vistos em “The Dial of Destiny” (título original) são nazistas, soldados da SS dos mais cruéis. Um cientista formado pelo III Reich, Dr. Voller, muito bem interpretado por Mads Mikkelsen, é a encarnação do Mal dessa milionária aventura feita numa parceria da Disney com a Paramount. Voller segue sempre acompanhado de um capanga cruel, Klaber, vivido por Boyd Holbrook.

Que a ofensiva da Marvel com o Hulk Vermelho impulse o Dr. Jones de volta à ribalta.

Um convite à cocriação

Após percorrer 21 estados, o grupo mineiro Quatroloscinco chega ao Rio com uma “peça-conversa” inspirada no livro ‘O Circuito dos Afetos’, de Vladimir Safatle

O coletivo Quatroloscinco – Teatro do Comum, de Belo Horizonte, estreia nesta quinta-feira, na Sala Multiuso, do Sesc Copacabana, curta temporada de “Fauna”, seu sexto espetáculo em 17 anos de trajetória.

Dirigida por Ítalo Laureano e Rejane Faria, com dramaturgia e atuação de Marcos Coletta e Assis Benevenuto, Fauna rompe com a estrutura teatral convencional. Sem personagens fixos ou narrativa linear, a montagem dissolve as fronteiras entre palco e plateia, propondo uma cena aberta ao diálogo e à participação do público.

“Temos uma dramaturgia estruturada, mas que se apresenta de maneira porosa, convidando à cocriação. O espetáculo só se completa na relação com os espectadores”, explica Benevenuto.

Inspirado no livro “O Circuito dos Afetos: Corpos Políticos, Desamparo e Fim do Indivíduo”, de Vladimir Safatle, o espetáculo aborda temas como violência, desejo, liberdade, solidão e pertencimento. O corpo surge como instrumento político e social, refletindo sobre a convivência, o impacto das relações e a consciência da finitude humana.

Em uma das cenas, Marcos Coletta compartilha sua visita aos campos de concentração de Auschwitz, onde se deparou com vestígios dos que ali morreram — cabelos, brinquedos, próteses e sapatos. A partir dessa experiência, lança uma provocação: “O campo de concentração fala do que somos e do que podemos nos tornar a qualquer momento”, reflete.

“O teatro, assim como Safatle, nos faz questionar os afetos que regem nossa sociedade. Vivemos em um tempo de hiperconec-

abriu inscrições para dançarinos individuais de comunidades vulneráveis, além de escolas particulares, projetos sociais e coletivos. Ao todo, 520 bailarinos participam das apresentações ao longo dos dois dias, iniciadas ontem.

“O festival é um evento pioneiro e histórico na cidade. Nunca houve algo assim, que mobilizasse projetos sociais, ONGs, artistas individuais e coletivos que trabalham com dança na cidade, especialmente nas favelas cariocas”, destaca Carine Lopes, presidente da Associação Ballet Manguinhos. “Fizemos um levantamento e constatamos que 90% das favelas do Rio têm algum projeto ligado à dança, utilizando-a como ferramenta de transformação social”, revela.

Mais do que um evento cultural, o festival nasce para dar visibilidade a esses artistas que há anos desenvolvem seus trabalhos em comunidades vulneráveis, levando arte e esperança para quem mais precisa.



os atores do grupo mineiro Quatroloscinco busca a interação com a plateia ao longo da apresentação

tividade, mas de profundo individualismo. Como resgatar o sentido de comunidade, ainda que de forma efêmera, como acontece no teatro?”, acredita o grupo.

Selecionado para o Sesc Palco Giratório em 2018, o maior projeto de circulação teatral do país, “Fauna” já foi apresentado em

mais de 40 cidades de 21 estados, além de participar de festivais nacionais e internacionais.

SERVIÇO

FAUNA

Sala Multiuso do Sesc Copacabana (Rua Rua Domingos Ferreira, 160)

Até 23/2, de quinta a domingo (19h)

Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 8 (associado Sesc)

Dança das periferias no Municipal

Festival Ballet de Favela democratiza o acesso de artistas de comunidades a palcos consagrados

Por Affonso Nunes

Nesta quarta-feiras (12) o Theatro Municipal recebe o encerramento do Festival Carioca Ballet de Favela, evento inédito que celebra a dança como instrumento de transformação social. Promovido pela Associação Ballet Manguinhos, o festival

Bruna Vasconcellos/Divulgação



Manguinhos tem ballet desde 2012

“O evento tem um papel fundamental na democratização do acesso à arte, que ainda é muito elitizada. O balé clássico, por exemplo, continua sendo predominantemente branco e inacessível. No entanto, há inúmeros projetos em periferias e favelas que ensinam balé e lutam para se apresentar em festivais e teatros, enfrentando grandes barreiras sociais. Esse festival surge para dar palco e protagonismo a esses talentos, que há tanto tempo buscam reconhecimento e oportunidades, mas encontram portas fechadas”, ressalta Carine.

O Ballet Manguinhos foi fundado em 2012 pela educadora física Daiana Ferreira. Inicialmente, as aulas de balé contavam com cerca de 70 alunas e ocorriam nos fundos de uma igreja da comunidade. Ao longo dos anos, a organização expandiu suas atividades e, em março de 2024, completou 12 anos de atuação, atendendo aproximadamente 410 alunos em cerca de 20 favelas da região.

Apolline Guillerot Malick/Divulgação



Ao longo de sua carreira, Plínio Marcos escreveu textos que retrataram com brutalidade e lirismo a realidade dos excluídos. A montagem de 'Xadrez III' junta duas de suas obras

Plínio Marcos, um autor cada vez mais atual

Cia Churros de Polvo estreia 'Xadrez III', montagem que reúne dois textos do dramaturgo mais visceral do teatro brasileiro

Em celebração aos 90 anos de Plínio Marcos, a companhia teatral Churros de Polvo estreia nesta quarta-feira (12), na Casa de Cultura Laura Alvim, "Xadrez III", espetáculo que revisita a obra do dramaturgo morto em 1999 ao unir dois de seus tex-

tos mais impactantes: "Barrela" (1958) e "A Mancha Roxa" (1988). Sob a direção de Henrique Manoel Pinho, a montagem mergulha na brutalidade do sistema carcerário brasileiro, contrapondo realidades masculinas e femininas para evidenciar as diferentes nuances de violência e abandono nesses contextos. A obra de Plínio surge cada vez mais atual no Brasil de hoje.

Inspirado em fatos reais, "Barrela" foi o primeiro texto teatral de Plínio Marcos e retrata a cruel jornada de um jovem recém-encarcerado, que, em uma única noite, enfrenta a opressão e a barbárie dentro da prisão. Já "A Mancha Roxa" desloca o público para uma cela feminina, onde detentas de

diferentes origens lidam com suas tragédias pessoais, uma enfermidade devastadora e a luta pela sobrevivência. Embora "Xadrez III" não tenha sido concebido especificamente como um espetáculo sobre questões de gênero, a montagem destaca a solidão e o desamparo das mulheres encarceradas, bem como a dinâmica de poder e violência entre os homens.

A ideia de montar esse espetáculo surgiu há dois anos, quando a peça foi apresentada por um grupo de alunos da Casa das Artes de Laranjeiras (CAL). O impacto da encenação levou os atores a transformá-la em um projeto profissional, consolidando-a como a primeira produção oficial da Cia Churros

de Polvo. Além da homenagem ao legado de Plínio Marcos, a montagem reafirma a atualidade de seu olhar crítico e provocador sobre a sociedade brasileira.

Formada por nove atores com trajetórias diversas, a Churros de Polvo tem a criação coletiva como princípio essencial. O grupo é composto por Ana Clara Winter, André Andrade, Aldrin Cordeiro, Bruno Jugend, Estefânia Torres, Fernanda Sarriá, Marcela Garcia, Nathan Soares e Raphael Montenegro. Além de "Xadrez III", a companhia organiza um evento especial na CAL para aprofundar a discussão sobre a obra de Plínio Marcos, com apresentações para alunos e rodas de conversa. Para

o futuro, a Cia pretende expandir sua pesquisa teatral, explorando textos autorais sem abrir mão de narrativas provocativas e socialmente relevantes.

"Plínio Marcos nos inspira porque sua obra é atemporal e reflete ideais que também enxergamos como missão de grupo. Ele fazia teatro na raça, sem concessões, e isso nos motiva a seguir criando, independentemente das dificuldades", afirmam os integrantes da companhia.

Plínio Marcos foi um dos mais importantes dramaturgos brasileiros, conhecido por sua escrita crua e direta, que escancarava as mazelas sociais do país. Autodidata, começou sua trajetória artística como ator e palhaço de circo antes de se dedicar à dramaturgia. Seu primeiro grande sucesso, "Barrela", foi censurado na época por seu conteúdo considerado agressivo, mas essa interdição apenas reforçou a imagem de Plínio como um autor combativo e marginal.

Ao longo de sua carreira, escreveu textos que retrataram com brutalidade e lirismo a realidade dos excluídos, como "Navalha na Carne", "Abajur Lilás" e "Homens de Papel". Com forte influência do teatro realista, sua obra traz personagens do submundo – prostitutas, presidiários, cafetões e marginais – cujas falas carregam um realismo visceral, desafiando padrões morais e políticos.

Perseguido pela censura durante a ditadura militar, Plínio manteve-se à margem do teatro comercial, vendendo seus textos de mão em mão para garantir sua sobrevivência. Sua resistência fez dele um símbolo do teatro independente e contestador. Até hoje, sua obra reverbera nos palcos, inspirando artistas que enxergam no teatro um espaço de denúncia e transformação social.

SERVIÇO

XADREZ III
Casa de Cultura Laura Alvim
- Sala Rogério Cardoso (Av. Vieira Souto, 176 - Ipanema)
De 12 a 27/2, às quartas e quintas (19h)
Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)